

Banca 'fecha a torneira' ao Madeira Palácio



A Fibeira precisa de mais dinheiro para continuar as obras, bancos não emprestam. FOTO ARQUIVO

EMANUEL SILVA
esilva@dnoticias.pt

A banca já transmitiu ao grupo 'Fibeira' que não abre mais os cordões à bolsa e deixará de injectar mais dinheiro para viabilizar o empreendimento hoteleiro de cinco estrelas 'Madeira Palácio'.

Até agora, o 'dono' do hotel tem contado com verbas da banca até para assegurar, por algum tempo, o pagamento das remunerações aos trabalhadores. Fonte da 'Fibeira' assegurou ao DIÁRIO que a conjuntura nacional e internacional travam o esforço até agora desenvolvido para viabilizar o hotel pelo que, o mais certo, é a administração partir para um despedimento colectivo dos trabalhadores que ainda mantém vínculo à empresa.

Recorde-se que o 'Madeira Palácio' fechou portas há quase sete anos (em 2006) lançando a incerteza em mais de 100 trabalhadores. Numa 1.ª fase o grupo 'Fibeira' assegurou o pagamento dos salários a 100% ainda que os trabalhadores se mantivessem inoperacionais. Alguns participaram em cursos de formação. Seguiram-se acordos com os trabalhadores (50% do salário até abertura do hotel ou desvinculação com a empresa a cobrir o diferencial salarial para quem ar-

ranjasse novo emprego).

Depois seguiu-se uma fase de rescisões 'amigáveis' com alguns trabalhadores. Alguns suspenderam os contratos e inscreveram-se no desemprego. A maioria dos trabalhadores pediu subsídio de desemprego. Alguns deles, por imperativos legais (limite máximo de tempo) já perderam esse direito.

No Verão passado, administradores do grupo 'Fibeira' reuniram-se com o Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Alimentação, Serviços e Similares da RAM tendo sido transmitido que a reabertura do hotel dependeria das difíceis negociações com a banca.

Chega agora a informação que a banca desiste de financiar o projecto. Desvanece a esperança ao fim de um longo e custoso processo para os mais de 120 trabalhadores, e que teve início em Novembro de 2008 quando as obras foram suspensas por falta de dinheiro.

Em Abril do ano passado, o grupo 'Fibeira' admitiu que precisava de cerca de 40 milhões de euros de financiamento para concluir o projecto (remodelação do hotel construído em 1972, sob a gestão do grupo norte-americano 'Hilton'). No Verão de 2010, a conclusão das obras, que contemplavam uma li-

FALTA DE FINANCIAMENTO ABRE CAMINHO A UM DESPEDIMENTO COLECTIVO

geira ampliação para 250 quartos, estavam orçadas em 60 milhões de euros.

Entretanto, ao lado do 'velho' Madeira Palácio, pela mão da 'Lignum- Investimentos Imobiliários, SA', foram construídos 112 apartamentos de luxo ('Madeira Palace Residences') mas a comercialização dos mesmos esbarrou no crise imobiliária internacional e, por essa via, não foi possível injectar dinheiro no projecto global.

Pelo caminho, para já, ficam as boas vontades manifestadas pelo BCP ou por intenções que apontavam para investimentos da angolana Isabel dos Santos ou do interesse de cadeias hoteleiras internacionais (Sheraton e Hilton) em explorar o Madeira Palácio.

A 'Fibeira' investiu no projecto mais de 100 milhões de euros (40 milhões dos quais na aquisição do hotel), mas precisa de mais financiamento para concluí-lo.

O investimento inicial no histórico hotel que já se chamou 'Madeira Hilton' era de 120 milhões de euros e representava a primeira incursão da 'Fibeira', grupo ligado à imobiliária e à gestão de centros comerciais no continente, na hotelaria da Madeira.

O projecto de remodelação arrancou em 2006.

Chuva faz três milhões de prejuízos nos arrozais alentejanos

A inundação dos arrozais do Alentejo está a atrasar a preparação das sementeiras, segundo o presidente da Associação de Orizicultores de Portugal (AOP), que estima os prejuízos em mais de três milhões de euros.

Nesta altura, a preparação dos terrenos "já deveria estar bastante avançada", disse ontem à agência Lusa João Reis Mendes, observando que, com as terras alagadas, "as máquinas não podem entrar".

Tal só poderá acontecer, na maioria dos casos, "depois de as águas escoarem e as terras enxugarem durante um período sem chuva de pelo menos três a quatro semanas", o que irá atirar a sementeira para Junho, já "fora da época".

A associação de produtores prevê também que a preparação dos terrenos venha a ser "menos adequada, por haver menos tempo", condicionalismos que deverão ditar "uma quebra de produção de 15% na altura da colheita".

Empresas portuguesas apostam nos milhões da Arábia Saudita

A Arábia Saudita vai investir um total de 400 mil milhões de dólares (307 mil milhões de euros) no país e esse investimento poderá beneficiar diversas empresas portuguesas representadas num fórum empresarial que ontem decorreu em Riade.

"A Arábia Saudita está a apostar num desenvolvimento e crescimento mais equilibrado do seu país e foi referido que irão investir 200 mil milhões de dólares em infraestruturas", revelou ontem o presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), no final do Fórum Comercial Arábia Saudita-Portugal e onde estiveram representadas 53 empresas portuguesas.

O montante deste investimento, quase o dobro do PIB português (cerca de 165 mil milhões de euros), foi recebido com alguma estupefação numa reunião bilateral onde intervieram o ministro da Saúde Paulo Macedo e o líder da AICEP.